



CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM RICOEURIANA PARA A PESQUISA QUALITATIVA EM PSICOLOGIA

RAFAEL ZANATA ALBERTINI¹, MÁRCIO LUÍS COSTA² E WEINY CÉSAR FREITAS PINTO³

RESUMO: A pesquisa qualitativa em Psicologia continua a se desenvolver a partir de diversos pressupostos filosóficos, que colaboram para sua riqueza e pluralidade. O intuito deste artigo é apontar algumas contribuições teóricas e metodológicas do filósofo francês Paul Ricoeur para esse tipo de pesquisa. Percorre-se a vasta obra deste autor – que ganhou fama a partir de uma interpretação original de Freud – a fim de destacar os aspectos mais significativos sobre o tema. Conclui-se que o aporte ricoeuriano confere três notas essenciais à pesquisa qualitativa: a nota fenomenológica, porque visa à descrição das experiências tal como são vividas pelos participantes; a nota hermenêutica, posto que busca o sentido dessas experiências em suas expressões simbólicas, interpretadas mediante sucessivos círculos de interpretação; e a nota narrativa, porquanto entende as histórias de vida como descoberta e construção da subjetividade. Essas notas coadunam e corroboram com tradições qualitativas já em uso, mostrando-se de grande valia, especialmente para a pesquisa em Psicologia.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia, Hermenêutica, Pesquisa qualitativa, Pesquisa fenomenológica, Pesquisa narrativa.

ABSTRACT: The qualitative research in Psychology continues to develop from several philosophical assumptions, since its first steps to its most recent development. The aim of this essay is to point out some theoretical and methodological contributions of the French philosopher Paul Ricoeur for this type of research, in order to expand its possibilities and to deepen its conception and purpose. The vast work of this author – who gained fame from an original interpretation of Freud – is covered to highlight the most significant aspects on this matter. It is concluded that the Ricoeurian approach confers three essential notes to the qualitative research: phenomenological note, because it aims at describing the experiences as they are lived by the participants; the hermeneutics note, because it seeks the meaning of these experiences in their symbolic expressions, interpreted through successive hermeneutic circles; and the narrative note, because it understands life histories as discovery and construction of subjectivity. These notes agree and corroborate with qualitative traditions already in use, proving to be of great value, especially for research in Psychology.

KEYWORDS: Phenomenology, Hermeneutics, Qualitative research, Phenomenological research, Narrative research.

¹ Professor na Escola Estadual Severino de Queiroz, no Colégio Bionatus e na Faculdade Novoeste. Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: rzanataalbertini@gmail.com.

² Professor de Filosofia na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Coordena o Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da UCDB. Doutor em Filosofia pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). E-mail: rf6567@ucdb.br.

³ Professor do curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: weiny.freitas@ufms.br.

Historicamente, a abordagem qualitativa foi ora enaltecida, ora desprezada na Psicologia, e vários autores a empregaram de uma ou outra forma (GIORGI, 2009; POLKINGHORNE, 2005). Wundt (1832-1920) – em sua *Völkerpsychologie* – Brentano (1838-1917), William James (1842-1910), Piaget (1896-1980) e Allport (1897-1967) são algumas figuras emblemáticas que deram destaque a algum tipo de estratégia qualitativa para desenvolver suas pesquisas, assim como foi esse o meio privilegiado para a compreensão da psique humana na prática clínica de Freud (1856-1939) em diante. Entretanto, para que a Psicologia lograsse reconhecimento científico, os métodos quantitativos estabeleceram seu domínio e se converteram numa espécie de “catecismo metodológico” que elegeu o laboratório como espaço científico por excelência, alijando a experiência subjetiva e cotidiana de qualquer investigação por não cumprir com os critérios experimentais (EISNER, 2003).

O que se costuma chamar de Renascença da pesquisa qualitativa ocorreu no período pós-guerra, a partir da década de 1960, primeiramente no campo das Ciências Sociais, o que representou um ponto de virada no ideário moderno de uma cientificidade unicamente pautada em pressupostos racionalistas e mecanicistas cartesianos que dividiram *res extensa* e *res cogitans* (JOVANOVIĆ, 2011). Com atraso em relação às Ciências Sociais, a Psicologia começou a assimilar a pesquisa qualitativa mormente a partir da década de 1980 (HOWITT, 2016), dando vazão a uma multiplicidade de abordagens qualitativas. Seus maiores representantes são: a Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*), a Psicologia Discursiva, a Análise de Conteúdo, a Análise Crítica do Discurso, a Pesquisa Fenomenológica e a Pesquisa Narrativa (HOWITT, 2016).

Mais do que um repertório plural de métodos, a pesquisa qualitativa promoveu mudanças na monotonia metodológica estabelecida: do primado do método ao do fenômeno; da negação à aceitação da dimensão subjetiva; do isolamento do objeto à consideração do contexto; do papel passivo ao ativo dos participantes; da neutralidade à autorreflexão dos pesquisadores (JOVANOVIĆ, 2011). Assim, longe de ser um todo monolítico, a pesquisa qualitativa é um “termo guarda-chuva” multiparadigmático, inter e transdisciplinar que continua a se abrir e crescer, acolhendo perspectivas que se combinam ou até colidem (LEAVY, 2014) – como quando se consideram os três grandes posicionamentos epistemológicos: realista (direto ou crítico), fenomenológico e sócio-construcionista (WILLIG, 2013).

Apesar de sua expansão, a pesquisa qualitativa ainda deve justificar sua validade e pertinência. Fatores externos exigem que pesquisadores de abordagens qualitativas explicitem detalhadamente seus pressupostos filosóficos e métodos, como quase nunca ocorre na pesquisa

quantitativa (HOWITT, 2016) – também por influência burocrática das agências de financiamento (BRINKMANN; JACOBSEN; KRISTIANSEN, 2014). Por outro lado, essa necessidade de explicitação também depende de fatores internos à abordagem qualitativa: a dificuldade de alguns pesquisadores em dominar os conceitos-chaves de uma dada teoria, levando-os a ignorar a tensão entre metodologia, epistemologia e ontologia, bem como o alcance e o limite do enquadramento filosófico (GONZÁLEZ REY, 2011).

O presente estudo visa recorrer à obra filosófica de Paul Ricoeur a fim de apresentar suas contribuições teóricas mais significativas para a pesquisa qualitativa em Psicologia, com destaque às notas fenomenológica, hermenêutica e narrativa de seu pensamento. Esse itinerário reflexivo será guiado por uma linha histórica de apresentação e considerará, sobretudo, os aspectos epistemológicos e metodológicos, bem como ontológicos e éticos.

A contribuição da Hermenêutica Fenomenológica de Ricoeur

A obra de Ricoeur oferece um arcabouço teórico rico e robusto capaz de incrementar, sobretudo, duas vertentes das pesquisas qualitativas que, apesar da proximidade, tiveram desenvolvimento autônomo: a abordagem fenomenológica e a abordagem narrativa.

A abordagem fenomenológica surgiu na década de 1970 na Universidade de Duquesne, nos EUA, com os trabalhos de Adrian van Kaam, Paul Colaizzi e Amedeo Giorgi, como esforço de aplicar à pesquisa empírica em Psicologia o projeto husserliano de “voltar às coisas mesmas” (HUSSERL, 2001, p. 168). Ela enfoca a experiência e a consciência humanas – aspectos pouco explorados, ou mesmo negados, pelos ramos de matriz naturalista e experimental (BRANCO, 2014) – e tem por pressuposto a indissociabilidade entre sujeito e mundo: a consciência é intencional porque é dirigida a algo fora de si mesma e, por sua vez, o mundo é mundo para e segundo uma consciência, numa relação idiossincrática e dotada de significado (CASTRO; GOMES, 2011; GIORGI, 2014). Os três grandes ramos do movimento fenomenológico são: Fenomenologia Descritiva, Análise Fenomenológica Interpretativa e Fenomenologia Hermenêutica, cujas distinções não são sempre claras (WILLIG, 2013) e trabalham com os principais elementos do método husserliano, não sem modificá-los para a prática da pesquisa (FEIJOO; GOTO, 2016).

Doutra parte, a abordagem narrativa apareceu na Psicologia na década de 1980 em autores como Donald Spence, Dan McAdams, Jerome Bruner, Theodore Sarbin e Donald Polkinghorne. Partindo de pressupostos tão diversos como a Hermenêutica, a Fenomenologia, a Linguística e a Psicanálise, eles desenvolvem a pesquisa/análise narrativa em torno de uma

mesma ideia: os seres humanos não apenas contam histórias, mas são constituídos por elas (SQUIRE, 2008). O papel heurístico (de descoberta da identidade de si e do outro) e performático (de criação e recriação dessas mesmas identidades) das narrativas tem sido destacado em estudos teóricos (BRUNER, 1990) e empíricos, como no relatório da Organização Mundial da Saúde, que enaltece a abordagem (GREENHALGH, 2016).

A tarefa aqui será apresentar alguns pontos da vasta obra de Ricoeur que permitem contribuir para o aprofundamento teórico e metodológico de ambas as vertentes qualitativas. A finalidade não é fazer um desenvolvimento exaustivo desses pontos, senão apresentá-los com alguma suficiência de modo a permitir ao leitor uma compreensão geral.

Fenomenologia e Hermenêutica no projeto de Ricoeur

Desde seus primeiros estudos filosóficos em meados da década de 1930, Ricoeur reconhece na obra husserliana uma investigação rigorosa e progressiva que parte do nível pessoal ao nível coletivo, da consciência à sociedade. Toda a admiração a Husserl – patente em *Filosofia da vontade I – O voluntário e o involuntário*, publicada em 1950 – não o impediu de fazer distinções importantes, sobretudo a respeito do que considera “a porta estreita da fenomenologia” (RICOEUR, 2009, p. 255): a redução (*epoché*). Em torno dela, Ricoeur vê duas tendências que entram em conflito na obra husserliana: uma metodológico-descritiva – como conversão da atitude natural na qual a consciência se perde e se mistura no mundo em prol da reconquista da posição dessa mesma consciência, para a qual tudo “aparece” e pela qual tudo é significado – e outra tendência dogmático-metafísica, marcada pelo idealismo (a constituição do mundo e do outro numa consciência solipsista). O itinerário filosófico de Ricoeur opta pela Fenomenologia como método, mas não como doutrina, por discordar de um posicionamento soberano do ego em relação ao mundo.

Em *Filosofia da vontade II – Finitude e culpabilidade*, publicado em 1960, particularmente no volume intitulado *A simbólica do mal*, Ricoeur assume um novo método de aproximação de suas inquietações filosóficas e anuncia a passagem de uma Fenomenologia de ordem eidética *à la* Husserl para uma de ordem hermenêutica, que lida já não com ideias abstratas, mas com a função simbólica impregnada na linguagem cotidiana por meio de símbolos, poemas e mitos, de sujeitos históricos situados nas diversas culturas. “O símbolo dá que pensar” será uma máxima repetida a partir de então, ao entender que a linguagem simbólica não repele o pensamento, mas o provoca e solicita, enquanto apela à inteligência para ser decifrada mediante as regras da interpretação.

A passagem de Ricoeur pelos umbrais da Hermenêutica não significou negação da Fenomenologia; antes, o próprio estilo não-ortodoxo de Husserl e sua obra “arborescente” e de infinitos inícios (RICOEUR, 2009) permitiu que desenvolvesse temas ali disseminados. Foi o caso da temática da intencionalidade (segundo a qual a consciência é sempre consciência de algo, isto é, voltada para fora de si, dirigida ao mundo), que atraiu mais a Ricoeur do que a pretensão de uma fundamentação imediata da fenomenalidade pela consciência pura (GAGNEBIN, 1997). Ao explorar as implicações da intencionalidade, Ricoeur faz um “enxerto” da Hermenêutica na Fenomenologia, por entender que a consciência não se contempla a si mesma por uma via intuitiva (direta e transparente), mas precisa recorrer a um longo trabalho de interpretação dos signos linguísticos (símbolos, metáforas e narrativas) e demais sinais apresentados na história e na cultura (como instituições e monumentos) nos quais ela se apresenta, o que demanda um esforço de vários saberes (RICOEUR, 1997; 2003).

O intuito de “ir às coisas mesmas” (acessar o sentido dos fenômenos) é aprofundado: “a fenomenologia só pode ser uma hermenêutica, porque o que está mais próximo de nós é também o que está mais dissimulado” (RICOEUR, 2010b, p. 148), e o que se diz da redução em termos fenomenológicos corresponde à distanciação em termos hermenêuticos.

Toda consciência de sentido envolve um momento de distanciação, um distanciamento da “experiência vivida” como pura e simplesmente aderida. A fenomenologia começa quando, não contentes em “viver” ou “reviver”, interrompemos a experiência vivida para significar isso. Assim, a *epoché* e a intenção de sentido [*visée de sens*] estão intimamente ligadas. (RICOEUR, 2016, p. 76)

Deste modo, é mister sintetizar a contribuição ricoeuriana para a pesquisa qualitativa nos pontos trabalhados até aqui. Ainda que seu itinerário não tenha se detido numa Fenomenologia pura – e, por isso mesmo, ele próprio admite ser mais um dos “hereses” husserliano – o cuidado de Husserl para com o rigor jamais será descurado por Ricoeur, para quem não se pode “reduzir a fenomenologia a uma rapsódia de experiências vividas e batizar como fenomenologia toda complacência com as curiosidades da vida humana” (RICOEUR, 2009, p. 255). Essa preocupação coaduna com críticas dos próprios autores das abordagens fenomenológicas, que alertam para pesquisas malconduzidas devido a confusões conceituais dos pesquisadores, que intitulariam seus estudos como fenomenológicos apesar de não conhecer suficientemente suas bases filosóficas, o que compromete as decisões metodológicas e procedimentais (GIORGI, 2009).

Mais ainda: ao aliar Fenomenologia e Hermenêutica (como também o fizeram, a seu modo, Heidegger e Gadamer), a proposta de Ricoeur vem a enriquecer a pesquisa qualitativa no que tange à forma de se aproximar da experiência vivida dos participantes, entendendo que

a linguagem simbólica não impõe um obstáculo ao pesquisador, mas lhe soa como um convite para decifrar as expressões concretas e espontâneas desses sujeitos em seu cotidiano. Assim, a “coisa mesma” das experiências não é aparente e direta, e só pode ser alcançada mediante um cuidadoso trabalho de interpretação, que decifra os diversos sentidos da linguagem. A preocupação hermenêutica, ademais, confere maior abrangência ao modo como os fenômenos em estudos são vistos (HOLANDA, 2006) e leva em consideração o horizonte linguístico-histórico-cultural dos sujeitos e porquanto a experiência vivida é marcada por isso. Para tanto, é preciso que o pesquisador lance mão dos recursos oferecidos pelo diálogo com diversos saberes, o que será explorado a seguir.

Hermenêutica fenomenológica como um projeto interdisciplinar

Veementemente contra o “narcisismo filosófico”, Ricoeur (1995) diz que “a filosofia morre se se interrompe seu diálogo milenar com as ciências, sejam as ciências matemáticas, as ciências da natureza ou as ciências humanas” (p. 64). Para ele, é a própria pergunta ontológica “quem é o ser humano?” que não comporta respostas apressadas e simplistas, e exige percorrer um caminho cheio de desvios pelos mais variados pensadores e campos do saber que se põem a interpretar os signos humanos, tanto privados (âmbito psíquico) como públicos (âmbito cultural). É por isso que a filosofia ricoeuriana assume métodos e pressupostos de saberes tão diversos como a Linguística, a Sociologia, a Psicanálise e a Historiografia (RICOEUR, 2003).

Em consonância com a Filosofia Reflexiva de Nabert – cujo foco não é exclusivo na cognição, mas se estende aos afetos e atos humanos –, Ricoeur afirma que toda autocompreensão humana não se dá pela via curta da consciência, senão pela via longa do discurso (falado ou escrito) e das obras (RICOEUR, 1997). O esforço da consciência de si – ou, noutras palavras, o si da consciência – é, então, mediado pelas suas obras, que são espelhos do *ego sum* (“eu sou”), e isso muda a concepção de subjetividade, à medida que supõe um sujeito que esforça para perseverar no ser (tema espinoziano do *conatus*) e não somente pensa, mas sente e se descobre dotado de inúmeras capacidades. Assim afirma Ricoeur (2003):

O sujeito que se interpreta ao interpretar os signos já não é o *Cogito*: é um existente que descobre, pela exegese da sua vida, que está posto no ser antes ainda de que se situe e se possua. Assim, a hermenêutica deveria descobrir um modo de existir que fosse, de cabo a cabo, *ser-interpretado*. (p. 16, grifo do autor)

Assim, a “via longa” ricoeuriana se desenvolve deliberadamente com “largos desvios” cujo objetivo é estabelecer uma “linha virtual que liga pontos singulares” de sistemas filosóficos e ciências diversas, como justifica em sua *Autobiografia Intelectual* (RICOEUR, 1997, p. 102).

Sua busca pela reconciliação de visões diferentes se inspira em Habermas e visa a colher suas contribuições, sem ignorar nem eliminar as diferenças entre os campos, em total aversão a “ecletismos preguiçosos que são a caricatura do pensamento” (RICOEUR, 2003, p. 163). Isso permite entender por que Ricoeur manteve firme seu propósito de confrontar-se com campos tão diversos que desafiassem seu pensamento e imprimissem novos rumos. Ao mesmo tempo, cada desvio não significou negação e abandono do caminho anterior, senão possibilidade para que o pensamento continuasse a fluir.

O caso da Psicanálise é emblemático nesse sentido: tratou-se de um desvio no iter ricoeuriano que não foi nem único nem acidental e significou uma ruptura não com a Fenomenologia ou com Husserl como um todo, mas com a postura idealista que conduziria fatalmente ao narcisismo egológico. Isso ocorreu com o estudo intenso da obra de Freud a partir de 1960 que culminou no livro *Da interpretação* em 1965 e conferiu mais projeção a Ricoeur. Ali, ele propôs uma leitura alternativa da Psicanálise ao reconhecer nela um “discurso misto”, constituído pela dialética entre arqueologia (centrada na questão naturalista das pulsões) e teleologia (centrada na questão do sentido, que seria a tarefa do processo analítico enquanto interpretação da “semântica do desejo” expressa em sonhos e sintomas). Além disso, essa leitura filosófica de Freud pôs em evidência o caráter antifenomenológico da metapsicologia, uma espécie de “*epoché* invertida”, que destaca não a redução à consciência, mas a redução da consciência por causa do inconsciente. Para Ricoeur (1977):

A primeira verdade — *existo, penso* — permanece tão abstrata e vazia quanto insuperável. Precisa ser “mediatizada” pelas representações, pelas ações, pelas obras, pelas instituições e pelos monumentos que a objetivam. É nesses objetos, no sentido mais amplo do termo, que o Ego deve perder-se e reencontrar-se. (p. 46)

Com isso, Ricoeur percebe na Psicanálise uma ampliação e problematização do próprio entendimento de sujeito, que já não é o que pensa ser. E dessa nova noção de subjetividade derivou também a de interpretação e de textualidade, que permitiu tomar “a psique como um texto a ser decifrado” (RICOEUR, 2016, p. 218). Sem negar o “choque” inicial que sentiu, Ricoeur (2003) passou a integrar essas novidades ao seu próprio projeto filosófico, apercebido de que “o problema da consciência é tão obscuro quanto o problema do inconsciente” (2003, p. 95), seu projeto se afasta do intento cartesiano e husserliano de reduzir o mundo à consciência pura do *ego cogito* (eu penso) em prol da busca pela consciência “possível” do *ego sum* (eu sou) por meio do trabalho de interpretação simbólica da linguagem (PINTO, 2015; RICOEUR, 2010a).

Ricoeur também diferencia duas grandes tradições hermenêuticas, e dialoga igualmente com as duas. Uma é a hermenêutica da restauração de sentido (caracterizada pela vontade de ouvir o sentido dos textos), tipificada nos fenomenólogos da religião e em Gadamer. Outra é a hermenêutica da suspeita, com autores que acompanham Freud no estilo desmistificador (que desmascara a falsa consciência e desenvolve a arte da crítica), desde La Rochefoucauld (século XVII) até Nietzsche e Marx (RICOEUR, 2003). Da mesma forma como a Psicanálise não foi uma breve passagem nem uma simples fase na obra ricoeuriana (PINTO, 2013), os outros mestres da suspeita também o marcaram de maneira significativa – não para restringir, mas para ampliar suas perspectivas, de modo a preservar um pensamento suficientemente livre para ser capaz de “cruzar Marx, sem segui-lo nem tampouco combatê-lo” (RICOEUR, 1990, p. 64).

No que tange à pesquisa qualitativa em Psicologia, uma das implicações mais evidentes do estilo interdisciplinar do aporte ricoeuriano é seu convite a superar preconceitos teóricos e visões dicotômicas (que possam tomar mentalismo e comportamentalismo, por exemplo, como mútua exclusão). Ao invés de assumir posturas unilaterais, suas ideias de “desvio” e de “via longa” supõem a necessidade de múltiplas abordagens e de abertura a saberes diversos para incrementar a interpretação dos fenômenos humanos, à medida que os problemas de pesquisa requeiram mais instrumentais teóricos. Ao mesmo tempo, toda precaução é necessária para que as pontes entre os saberes sejam construídas de forma rigorosa, num cuidadoso processo de tradução de uma língua para a outra, sem o qual há risco de incorrer em sincretismos teóricos e metodológicos que escondem contradições perigosas.

A linguagem como mediação

A via longa ricoeuriana busca na tradição hermenêutica os fundamentos para entender o papel fundamental da linguagem na existência e encontra em Schleiermacher (1768-1834) a universalização da interpretação para toda atividade linguística. Com mais razão, é na função da linguagem como fixação das expressões de vida em Dilthey (1833-1911) que se destacaria o papel dos signos linguísticos num nível mais fundamental. Assim frisa Ricoeur (1990):

Para ele [Dilthey], a objetivação começa muito cedo, desde a interpretação de si mesmo. O que eu sou para mim mesmo só pode ser atingido através das objetivações de minha própria vida. O conhecimento de si mesmo já é uma interpretação que não é mais fácil que a dos outros; provavelmente, é mais difícil, porque só me compreendo a mim mesmo pelos sinais que dou de minha própria vida e que me são enviados pelos outros. Todo conhecimento de si é mediato, através de sinais e de obras. (p. 27)

Ricoeur atribui o aprofundamento do papel epistemológico e ontológico da linguagem a Heidegger e a Gadamer. No primeiro, ele reconhece a abertura da fenomenologia à

interpretação por meio da linguagem, por apontar que é nela que os sentidos se esquecem e se dissimulam, exigindo um esforço investigativo para trazê-los a descoberto. Do segundo, ele toma o postulado da “dizibilidade” (*Sprachlichkeit*) de toda a experiência, enquanto entende que o foco da hermenêutica é captar os sentidos das vivências humanas expressos na linguagem: “a experiência pode ser dita, exige ser dita. Levá-la à linguagem não é torná-la outra coisa, mas, articulando-a e desenvolvendo-a, fazê-la tornar-se ela mesma” (RICOEUR, 1986, p. 56).

Aquando do período em que lecionou em universidades dos EUA, o empirismo da Filosofia Analítica (típica de países anglo-saxônicos) levou Ricoeur (nativo da Filosofia Continental) a defender os pressupostos fenomenológicos da acusação de mentalismo e subjetivismo. Ele mostrou que o que é comunicado num discurso qualquer não são estados mentais, mas conteúdos noéticos – isto é, a junção da intenção subjetiva com a significação objetiva – pelos quais uma parte das vivências de cada um é conduzida ao *logos* (cujas unidades mais básicas não são as palavras, mas as frases, enquanto cópula de sujeito e predicado). O diálogo com os filósofos analíticos imprimiu na obra ricoeuriana a atenção às ressonâncias semânticas (relação entre linguagem e mundo) e pragmáticas (relação entre os interlocutores) de cada discurso.

Como é impossível ao sujeito humano conhecer-se de maneira puramente direta e introspectiva, e como a complexidade de suas experiências é tamanha que a linguagem direta, literal e descritiva é incapaz de abarcar, é preciso uma via de compreensão indireta, por meio de símbolos, metáforas e narrativas, como aparece em *A metáfora viva* (de 1975) e nos três volumes de *Tempo e Narrativa* (de 1983 a 1985). Neles, Ricoeur trava um debate frutuoso com linguistas, historiadores e sociólogos e aprofunda o entendimento da linguagem não somente em seu poder expressivo, mas criativo, enquanto constitutivo e (re)modelador das experiências.

A ligação secular entre hermenêutica e exegese de textos – originalmente as escrituras sagradas judaico-cristãs e, posteriormente, textos jurídicos e romances modernos – continua em Ricoeur (1986) por meio do valor que ele confere ao paradigma da interpretação textual. Se “a hermenêutica começa onde o diálogo acaba” (RICOEUR 2013, p. 50), é o texto que inaugura propriamente o problema da interpretação na teoria ricoeuriana porque, ao mesmo tempo em que seu autor já não está disponível para esclarecer o que quis dizer numa frase qualquer – como ocorre normalmente numa conversa – a escrita confere uma autonomia semântica ao discurso, tornando-o tão objetivo e distinto de seu autor quanto uma obra de arte com relação a seu artesão. Ao objetivar-se na escrita, mais do que o *Unwelt* (ambiente) numa conversa ao vivo, o discurso passa a ter um *Welt* (mundo), o “mundo do texto”, que é projetado para o leitor

(RICOEUR, 2013). Ademais, Ricoeur alarga a noção de textualidade, ao defender a possibilidade de se interpretar não somente textos em sentido estrito, mas tudo aquilo que pode ser lido *como* um texto – incluindo as ações significativas (ou comportamentos, em termos psicológicos), como “quase textos” que são (RICOEUR, 1997) – o que permitiria chamar de hermenêutico ao campo das Ciências Sociais como tal (RICOEUR, 1990).

No enquadramento das pesquisas qualitativas em Psicologia, a proposição ricoeuriana da linguagem como discurso e como mediação marca sua distinção com relação a pesquisas de outras matrizes. À diferença das pesquisas estruturalistas, Ricoeur não se limita a buscar as estruturas subjacentes em um dado texto, como um sistema fechado e absoluto, mas procura suas proposições de mundo, ou seja, os sentidos e as referências abertos por esse texto único. Também apresenta distinções muito significativas com relação à Análise de Conteúdo (popularizada por Bardin) por discordar que a linguagem seja transparente e que os sentidos se expressem em palavras isoladas; por outro lado, a opacidade linguística enfatizada pela Análise de Discurso (de Pêcheux) traz também o total assujeitamento do indivíduo ao coletivo e o apagamento do dito no dizer social (CAREGNATO; MUTTI, 2006), o que contraria os pressupostos de uma fenomenologia hermenêutica, para a qual não há ruptura, mas dialética, entre experiência e enunciado: a linguagem brota do mundo e a ele retorna.

Interpretação e círculos hermenêuticos

Como foi visto nas seções precedentes, a hermenêutica ricoeuriana reconhece o valor do código linguístico, mas não o absolutiza. Se “interpretar” não se restringe ao aspecto *objetivo* dos textos, será então que se voltaria unicamente ao aspecto *subjetivo*? A resposta também será negativa, pelos motivos apresentados a seguir.

Para Ricoeur, a finalidade da interpretação não coincide com a hermenêutica romântica, típica de Schleiermacher, cuja tese da congenialidade dos espíritos supunha ser possível acessar, por um texto, a própria psique de seu autor e entendê-la melhor do que ele próprio a entendia. Outra distinção da interpretação na perspectiva ricoeuriana é que ela não coincide com a concepção psicologizante e historicizante da hermenêutica de Dilthey, o qual identifica interpretar e compreender, abrindo um abismo entre os fatos apresentados à consciência a partir de dentro (a experiência interna, a história e a sociedade), e os fatos apresentados a partir de fora. Segundo Ricoeur, nem mesmo Gadamer (1900-2002) teria conseguido conjugar compreensão e explicação, apesar de aparecerem juntas no título da grande obra *Verdade e método*, publicada em 1960. Dessa forma, explicar e compreender formariam uma dicotomia

sedimentada nas ciências e com grandes implicações não somente epistemológicas, mas ontológicas (RICOEUR, 2013).

A solução de Ricoeur é propor que compreensão e explicação não têm uma relação de antinomia, mas de complementaridade. Desse modo, ao que Dilthey e Gadamer separavam, Ricoeur une num único círculo hermenêutico: interpretação nada mais é do que a dialética entre compreensão e explicação – o que ele consagrou no mote “explicar mais para compreender melhor” (RICOEUR, 1997, p. 53). Interpretar é passar de uma compreensão ingênua de um texto (das conjecturas, isto é, adivinhações do sentido global de um texto) para a sua explicação (a decomposição do texto em proposições e significados, a fim de validar os sentidos conjecturados), chegando, por fim, a uma nova compreensão do texto, muito mais profunda do que aquela inicial. Da mesma forma como uma obra artística ou a anatomia de um animal, parte e todo de um texto compõem uma relação de reciprocidade, de modo que uma não pode ser vista sem a outra.

Outro círculo hermenêutico é formado pela conjectura e validação. O intérprete faz conjecturas (suposições ou adivinhações, na linguagem de Schleiermacher) sobre o sentido do texto, que variam conforme o relê a partir de outras perspectivas (assim como se vê um cubo mágico de vários lados). Essas suposições são, então, validadas: são submetidas à prova, não em termos de uma verificação empírica, mas de uma lógica da probabilidade muito semelhante aos critérios de falseabilidade que Popper supusera para testar hipóteses e teorias. Não há regras para um intérprete fazer conjecturas, mas sua validação (RICOEUR, 2016, p. 172) é delimitada pelas próprias possibilidades do texto. É o círculo hermenêutico constituído por compreensão e conjectura do lado subjetivo, e por explicação e validação do lado objetivo, que garante um “conhecimento científico do texto”: nem dogmática nem cética, porque “uma interpretação deve não só ser provável, mas mais provável do que outra interpretação” (RICOEUR, 2013, p. 111).

Por fim, o último elemento a completar a teoria da leitura e da interpretação em Ricoeur é a apropriação, que, por sua vez, forma um círculo hermenêutico com a distanciação. Apropriar-se é tornar familiar o que era distante e estranho: o “mundo do texto” (RICOEUR, 1990; 2013), isto é, o sentido ou a direção do pensamento que ali se expressa – o “modo de ser” (no jargão de Heidegger) ou a “forma de vida” (no jargão de Wittgenstein) – enquanto maneira peculiar de olhar o mundo que o texto apresenta. O sentido já pertence ao texto, de modo que não é criado, mas desvelado pelo intérprete no ato mesmo de interpretar. Contra qualquer forma de *hybris* (desmedida, típica das tragédias gregas) manifesta na pretensão de produzir

interpretações absolutas ou de subjugar a “coisa do texto” pela subjetividade do intérprete, Ricoeur (1986) pontua que “toda interpretação coloca o intérprete *in media res* e jamais no começo ou no fim” (p. 48), indicando que o ato de interpretar é dinâmico e demanda um esforço contínuo.

Ora, os círculos hermenêuticos da proposta ricoeuriana, que transformam dilemas costumeiros em dialética, ressoam na pesquisa em Psicologia na medida em que ajudam a superar certos preconceitos metodológicos. É o caso da preferência quase unânime até recentemente na pesquisa qualitativa ao termo “análise” ao invés de “interpretação”, na tentativa de colocá-la em pé de igualdade com a pesquisa quantitativa e de ser mais associada ao trabalho científico que artístico (WILLIG, 2017). A reflexão de Ricoeur mostra que a análise não pode ser superior à interpretação, porque esta pressupõe aquela e a incrementa com a compreensão, o que valoriza a instância metódica sem incorrer na sua absolutização.

Além disso, o entendimento que Ricoeur tem do ato de interpretar permite pensar tanto o limite como o alcance do poder investigativo do pesquisador. Limite enquanto desilusão de um poder mágico de acessar diretamente a psique dos participantes, bem como da pretensão de tomar a interpretação como algo infalível. E alcance porque previne a interpretação de cair no relativismo e na arbitrariedade – que é o maior risco da interpretação de base gadameriana, por carecer do momento da explicação-validação (SCHMIDT, 2006). Da mesma forma, os círculos hermenêuticos absolvem a interpretação de estar sob total poder do intérprete, porque mostram que sua tarefa é mais modesta: ser um descobridor do que ali já se encontra. Dessa forma, a postura vigilante do pesquisador no plano epistemológico reverbera também nos planos ético e ontológico: como respeito à reserva de alteridade dos participantes e dos fenômenos investigados, que ocupam uma posição de prioridade com relação aos métodos. Dessa forma, pode-se evitar mais facilmente a armadilha da “metodolatria” a que também as pesquisas qualitativas estão expostas (BRINKMANN; JACOBSEN; KRISTIANSEN, 2014).

Narratividade e identidade

A tese da já citada trilogia *Tempo e Narrativa* é que o tempo só se torna humano na e pela narrativa, sem a qual as experiências vividas permaneceriam dispersas e ininteligíveis. Ricoeur (2010a) recorre aos conceitos aristotélicos de *mythos* (composição da intriga ou enredo) e de *mimesis* (imitação) para mostrar que, quando se conta uma história (seja ela histórica ou fictícia), as experiências são agenciadas numa síntese do heterogêneo, assumindo uma configuração temporal que permite que sejam acompanhadas.

Dessa forma, a narrativa imita a vida, mas não se trata de uma imitação simples ou mera representação. Antes, consiste numa “imitação criativa” porque a *mimesis* funciona como uma metáfora da realidade (RICOEUR, 2016). A estrutura mimética é triádica: a *mimesis* 1 corresponde à prefiguração narrativa, enquanto “história ainda não contada” ou pré-compreensão na qual todas as pessoas se movem e realizam suas experiências. Ela oferece os elementos para a *mimesis* 2, que é configuração narrativa pela qual as experiências são organizadas na forma de um enredo, num ato poético (*poiesis*) que promove a “síntese do heterogêneo” com começo, meio e fim. Finalmente, a *mimesis* 3 é a etapa da reconfiguração, quando o processo de leitura desse enredo reconduz à *mimesis* 1, formando um ciclo virtuoso e espiral (RICOEUR, 2010a). Assim, a narrativa possui uma natureza tanto ficcional (porque poética) como factual (porque tem a realidade por referência).

O corolário da referida obra é o conceito de “identidade narrativa”, que é inspirado na Psicanálise freudiana – particularmente na prática clínica da *talking cure* ou perlaboração, pela qual os fragmentos desconexos e insuportáveis da vida do analisando são substituídos por uma história aceitável, da mesma forma como um historiador descreve e retifica narrativas anteriores de um grupo, de uma instituição ou de um povo. Tanto no trabalho analítico como no historiográfico, “um sujeito se reconhece na história que ele conta para si mesmo sobre si mesmo” (RICOEUR, 2010b, p. 420).

No conceito de identidade narrativa, Ricoeur propõe uma saída hermenêutica para o problema da identidade pessoal, que foi alvo de muitas discussões polarizadas na história da Filosofia mesmo em tempos mais recentes. De um lado, está Locke, que, mesmo negando a ideia de substância, supõe a identidade de um sujeito idêntico a si mesmo (como bem o traduz o termo inglês *same*) e oposto à alteridade e diversidade. De outro lado, estão Hume e Nietzsche, que denunciam a identidade como mera ilusão, dado que haveria apenas a diversidade. Resistindo a tomar partido de um ou outro polo, Ricoeur (2014; 2006) entende a subjetividade enquanto dialética entre a identidade-*idem* (a mesmidade de um *same*, *sameness*) a *identidade-ipse* (a ipseidade de um *self*, *selfhood*). Com isso, ele diz:

Diferentemente da identidade abstrata do Mesmo, a identidade narrativa, constitutiva da ipseidade, pode incluir a mudança, a mutabilidade, na coesão de uma vida. O sujeito aparece então constituído simultaneamente como leitor e como *scriptor* de sua própria vida, conforme o desejo de Proust. Como se comprova pela análise literária da autobiografia, *a história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verdadeiras ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo*. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas. (RICOEUR, 2010b, p. 419, grifo nosso)

Numa narrativa autobiográfica, o sujeito assume os papéis de leitor, narrador e personagem e, embora não seja ele próprio autor de sua existência, torna-se “coautor quanto ao sentido” (RICOEUR, 2014, p. 172). Isso traz outra implicação: o ato de narrar-se coaduna retrospecto e prospecto, já que evoca não somente o ser-dado (situado no aqui e agora), mas também o poder-ser – que evoca o “sê o que tu és!” (HEIDEGGER, 2005, p. 201) –, de uma alteridade no coração da identidade. E completa o filósofo francês:

Abrir-se aos imprevistos, aos novos encontros, faz parte de nossa identidade. A “identidade” de uma comunidade ou de um indivíduo é também uma identidade prospectiva. A identidade está em suspenso. Dela, por conseguinte, o elemento utópico é uma componente fundamental. O que denominamos “nós mesmos” é também aquilo que esperamos e aquilo que ainda não somos. (RICOEUR, 2015, p. 363)

Análoga à noção gadameriana de tradicionalidade enquanto circularidade entre sedimentação e inovação, a identidade narrativa apresenta uma via de acesso à intrincada questão da subjetividade, não para solucionar, mas para tornar produtiva essa questão, da mesma forma como a narração faz com o problema do tempo. Mais tarde, a ideia ganhará outros desenvolvimentos no que Ricoeur chamou de “hermenêutica do si” em *Si mesmo como outro* (2014) e em *Percurso do reconhecimento* (2006), em que a identidade narrativa será explorada nos seus aspectos éticos (como condição para a ética devido ao desenvolvimento da *phronesis*, sabedoria prática), antropológicos (reunião entre memória e promessa), ontológicos (a identidade dinâmica em que alteridade esta situada no âmago da ipseidade) e políticos (a luta pelo reconhecimento da própria identidade em várias instâncias).

Ao mesmo tempo, Ricoeur é consciente de que a narrativa não é uma panaceia, mas apresenta limites: 1) como qualquer enredo, a concordância nunca reina soberana sobre a discordância, de modo que todo relato autobiográfico apresenta instabilidade; 2) a identidade narrativa nunca esgota a ipseidade, seja enquanto identidade de uma pessoa ou de uma coletividade. A apologia à narrativa, portanto, jamais poderá perder de vista esse seu limite, o que não deixa de ser uma via purgativa à “pretensão do sujeito constituinte de dominar o sentido” (RICOEUR, 2010b) – tentativa de todo pesquisador.

Das várias camadas de sentido de uma história de vida – abordadas de maneiras tão diferentes como a Semiótica, a Fenomenologia ou Teoria do Discurso – a perspectiva da Hermenêutica tem sua peculiaridade ao supor que os significados são entendidos intersubjetivamente, *com e por meio* do outro (PLUMMER, 2001). A conexão que Ricoeur estabelece, desde a Filosofia, entre a narrativa e a identidade é explorada por vários campos, como a Sociologia, Antropologia e Linguística (RITIVOI, 2005). No caso específico das

ciências e pesquisas psicológicas, o conceito de identidade narrativa postulado por Ricoeur foi incorporado por abordagens como a Psicologia Social, da Personalidade ou da Saúde, tendo exemplos como Donald Polkinghorne, Jefferson Singer, Jens Brockmeier, Jerome Bruner, Mark Freeman, Michael Murray, Olga Sodr e etc. Não por acaso, Ricoeur   considerado “talvez o mais profundo e infatigável estudioso moderno da narrativa” (BRUNER, 1990, p. 45).

Dentre as vantagens do conceito de identidade narrativa, está o entendimento de que ele está no âmago da questão da personalidade e enfoca a maneira como cada um confere sentido   sua vida (SINGER, 2004) dentro de um panorama mais amplo, que   marcadamente social e cultural (FONTE, 2006). Ademais, o ponto de vista diacr nico que Ricoeur imprime   narrativa e seus estudos em torno dos usos e abusos da memória pessoal e coletiva (RICOEUR, 2007) permitem levar em considera o a condi o histórica humana, que   deixada de lado pela abordagem estruturalista (PELLAUER, 2007). Como Freeman (2015) destaca, a abordagem original de Ricoeur aponta a narrativa como uma necessidade para a compreensão humana por uma razão metodológica, teórica e prática. Metodológica porque constitui uma via privilegiada  s vidas humanas, como este estudo quer frisar; teórica porque permite entender a rela o ótima com o tempo e a identidade de pessoas e coletividades; e prática, porque as histórias de vida não apenas *podem*, como *devem* ser contadas.

Considera es finais

Giro linguístico. Giro interpretativo. Giro narrativo. São tantas as inflexões da pesquisa qualitativa atualmente que o pesquisador que se aventure a desenvolvê-la pode facilmente se ver perdido diante da miríade de op es disponíveis. Dentre essas op es, uma pesquisa orientada mais intimamente pela obra de Ricoeur   capaz de reunir os principais elementos das tradi es fenomenológicas e narrativas, que irromperam e desenvolveram-se no mesmo *Zeitgeist* da segunda metade do século passado e que, amiúde, tomaram rumos apartados. Fenomenologia e Hermen tica; compreensão e explica o; verdade e método; tradi o e crítica; convic o e suspeita... O filósofo que prefere a adi o   alternativa revela que não há caminhos curtos nem retos para desenvolver a arte de pensar de forma rigorosa, e de que o diálogo com saberes e autores diversos (como ele fez com Husserl e Freud)   possível e, antes, necessário. Para além dos seus princípios, quer-se tomar também sua atitude vigilante, avessa a sincretismos teóricos, e comprometida com um respeitoso e criterioso trabalho de discernimento e de reconhecimento de semelhanças e diferenças.

Ultimamente, a reflexão acadêmica tem reconhecido que as pesquisas qualitativas são sempre hermenêuticas, ainda que implicitamente (RENNIE, 2012), o que endossa o valor da obra ricoeuriana no aprofundamento teórico da pesquisa qualitativa. Binômios como indivíduo-sociedade, subjetivo-objetivo, subjetividade-alteridade, psicologismo-sociologismo, construtivismo-construcionismo que, não raro, são vistos como dicotomias, Ricoeur os vê como dialéticos. Ao arguir que a realidade é ao mesmo tempo descoberta e construída, sua obra oferece uma alternativa profícua para pesquisadores em Psicologia que queiram aproximar-se do diálogo fenomenológico-hermenêutico sem ignorar a consciência cultural e política (como é o caso de Heidegger e Gadamer) e sem enfatizá-la tanto a ponto de desconsiderar a relevância das ciências empíricas (como Foucault e Derrida) (SANDAGE et al., 2008). Embora ainda num ritmo de crescimento discreto e desprovido da fama de que gozam outros pensadores, os recursos de Ricoeur têm sido redescobertos por sua contribuição potencial para pesquisas psicológicas em geral (MELO, 2016) e para a Psicologia Social (SODRÉ, 2004) em particular. No campo da saúde, referências estritas à teoria ricoeuriana tem despontado em estudos na área da Enfermagem (SINGSURIYA, 2015) ou, de modo mais lato, na saúde coletiva (ONOCKO CAMPOS; FURTADO, 2008) e mental (ONOCKO-CAMPOS et al., 2013).

Reflexões como a deste estudo podem ser encaradas como um esclarecimento de que o ato de pesquisar movimentava uma série de questões epistemológicas, metodológicas, ontológicas, éticas e políticas, e que ignorá-las é sacrificar um conhecimento tão valioso quanto qualquer resultado publicável. Na via longa de Ricoeur, o importante não é o ponto de chegada: o percurso inteiro é valioso, porque promove mudanças no próprio caminhante. Destarte, uma pesquisa qualitativa pautada pela teoria ricoeuriana destaca-se por várias notas essenciais: é fenomenológica, dado que visa à descrição da experiência tal como é vivida pelos participantes; é hermenêutica, posto que busca o sentido dessas experiências vividas em suas expressões simbólicas, interpretando-as mediante sucessivos círculos de interpretação; é narrativa, porquanto entende as histórias de vida como descoberta e construção da subjetividade. Com isso, Ricoeur mostra uma robustez teórica que não se erige como superior a nenhuma perspectiva teórica e metodológica no multifacetado campo da pesquisa qualitativa, senão vem a ampliá-lo e enriquecê-lo.

Dado o escopo deste estudo, considerações sobre os procedimentos para desenvolver uma pesquisa pautada pela hermenêutica fenomenológica ricoeuriana ficaram de lado. Apesar de já explorados por alguns pesquisadores, é possível e recomendável aprofundá-los em trabalhos ulteriores. Outrossim, dentro do objetivo aqui traçados, é possível que aspectos

igualmente importantes em Ricoeur para a pesquisa qualitativa tenham sido negligenciados ou pouco destacados, também em razão do caráter multitemático de sua obra.

Lançar mão da contribuição de Ricoeur para aplicá-la na pesquisa qualitativa em Psicologia permanece como um desafio a ser mais bem desenvolvido. Assumi-lo há de ser tão penoso quanto promissor, dado que significará construir a própria narrativa do estudo de um determinado fenômeno, perfazendo uma *mise en intrigue* (colocação em enredo) e uma síntese do heterogêneo de uma série de pesquisas, leituras e releituras, com personagens, ações e peripécias próprias. Assim como a interpretação é significação (o ato mesmo da linguagem) antes que uma *techné* (técnica) para Aristóteles, e é uma *ars* (arte) antes que uma ciência no medievo, o pesquisador pautado pela Fenomenologia Hermenêutica ricoeuriana reconhece-se não apenas como um cientista, mas como um artista, de quem se espera a habilidade de contar a história de sua pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANCO, Paulo Coelho Castelo. Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: percursos históricos e metodológicos. In: *Rev. abordagem gestalt*. Goiânia, v. 20, n. 2, dez. 2014, p. 189-197.
- BRINKMANN, S.; JACOBSEN, M. H.; KRISTIANSEN, S. Historical overview of qualitative research in the Social Sciences. In: LEAVY, P. (Ed.). *The Oxford handbook of qualitative research*. New York: Oxford, 2014, p.17-42.
- BRUNER, J. *Acts of meaning*. London: Harvard, 1990.
- CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo. In: *Texto Contexto Enferm*. Florianópolis, v. 15, n. 4, 2006, p. 679-684.
- CASTRO, T. G. de; GOMES, W. B. Movimento fenomenológico: controvérsias e perspectivas na pesquisa psicológica. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. On-line, v. 27, n. 2, 2011, p. 233-240.
- EISNER, E. W. On the Art and Science of Qualitative Research in Psychology. In: CAMIC, P.; RHODES, J. E.; YARDLEY, L. (Eds.). *Qualitative research in Psychology expanding perspectives in methodology and design*. Washington: APA, 2003, p. 17-29.
- FEIJOO, A. M. L. C. de; GOTO, T. A. É possível a Fenomenologia de Husserl como método de pesquisa em psicologia? In: *Psicologia Teoria e Pesquisa*. On-line, v. 32, n. 4, 2016, p. 1-9.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3a ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FONTE, C. A. A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. In: *Psicologia: teoria e prática*. On-line, v. 8, n. 2, 2006, p. 123-131.
- FREEMAN, M. Narrative as a Mode of Understanding. Method, Theory, Praxis. In: DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. (Eds.). *The Handbook of Narrative Analysis*. West Sussex: Wiley Blackwell, 2015, p. 21-37.

- GAGNEBIN, J. M. Uma filosofia do cogito ferido: Paul Ricoeur. In: *Estudos avançados*. On-line, v. 11, n. 30, 1997, p. 261-272.
- GIORGI, A. *The descriptive phenomenological method in Psychology: A modified Husserlian approach*. Pittsburg: Duquesne University Press, 2009.
- GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como método de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In: POUPART, J. et al. (Eds.). *A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GONZÁLEZ REY, F. (Org.). *Subjetividade e saúde: Superando a clínica da patologia*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- GREENHALGH, T. *Cultural contexts of health: the use of narrative research in the health sector*. [Health Evidence Network Synthesis report 49]. Copenhagen: WHO, 2016.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo I*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HOLANDA, A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. In: *Análise Psicológica*. Lisboa, v. 24, n. 3, 2006, p. 363-372.
- HOWITT, D. *Introduction to qualitative methods in Psychology*. 3. ed. Harlow: Pearson Education Limited, 2016.
- HUSSERL, E. *Logical investigations* (L. Findlay, Trans.). London: Routledge & Kegan Paul, 2001.
- JOVANOVIĆ, G. Toward a social history of qualitative research. In: *History of the Human Sciences*. On-line, v. 24, n. 2, 2011, p. 1-27.
- LEAVY, P. (Ed.). *The Oxford handbook of qualitative research*. New York: Oxford, 2014.
- MELO, M. L. de A. Contribuições da hermenêutica de Paul Ricoeur à pesquisa fenomenológica em psicologia. In: *Psicologia USP*. On-line, v. 27, n. 2, 2016, p. 296-306.
- ONOCKO-CAMPOS, R. T.; FURTADO, J. P. Narrativas: utilização na pesquisa qualitativa em saúde. In: *Revista de Saúde Pública*. On-line, v. 42, n. 6, 2008, p. 1090-1096.
- ONOCKO-CAMPOS, R. T. et. al. Narrativas no estudo das práticas em saúde mental. In: *Ciência & Saúde Coletiva*. On-line, v. 18, n. 10, 2013, p. 2847-2857.
- PELLAUER, D. *Ricoeur: a guide for the perplexed*. London: Continuum, 2007.
- PINTO, W. C. F. Filosofia e psicanálise: sobre a interpretação filosófica de Freud realizada por Ricoeur. In: *Sapere Aude*. On-line, v. 4, n. 8, 2013, p. 229-242.
- PINTO, W. C. F. Ricoeur leitor de Freud: notas sobre a questão do sujeito em Freud. In: *Peri*. On-line, v. 7, n. 1, 2015, p. 87-105.
- PLUMMER, K. *Documents of life 2: an invitation to a critical humanism*. London: Sage, 2001.
- POLKINGHORNE, D. E. Language and meaning: Data collection in qualitative research. In: *Journal of Counseling Psychology*. On-line, v. 52, n. 2, 2005, p. 137-145.
- RENNIE, D. L. Qualitative research as methodical hermeneutics. In: *Psychological Methods*. On-line, v. 17, n. 3, 2012, p. 385-398.
- RICOEUR, P. *Da interpretação. Ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

- RICOEUR, P. *Du texte à l'action. Essais d'Herméneutique II*. Paris: Éditions du Seuil, 1986.
- RICOEUR, P. *Interpretação e ideologias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- RICOEUR, P. *Autobiografía intelectual*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1997.
- RICOEUR, P. *El conflicto de las interpretaciones. Ensayos de hermenéutica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003.
- RICOEUR, P. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.
- RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.
- RICOEUR, P. *Na escola da Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa: Vol. 1. A intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa: Vol. 3. O tempo narrado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.
- RICOEUR, P. *Teoria da interpretação. O discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 2013.
- RICOEUR, P. *O si-mesmo como outro*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- RICOEUR, P. *Ideologia e utopia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- RICOEUR, P. *Hermeneutics and the human sciences*. (J. B. Thompson, Ed. & Trans.). Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- RITIVOI, A. D. Identity and narrative. In: HERMAN, D.; JAHN, M.; RYAN, M.-L. *Routledge Encyclopedia of Narrative Theory*. London: Routledge, 2005.
- SANDAGE et.al. Hermeneutics and Psychology: a review and dialectical model. In: *Review of General Psychology*. On-line, v. 12, n. 4, 2008, p. 344-364.
- SCHMIDT, L. K. *Understanding Hermeneutics*. Stocksfield: Acumen, 2006.
- SINGER, J. A. Narrative identity and meaning-making across the adult lifespan: An introduction. In: *Journal of Personality*. On-line, v. 72, 2004, p. 437-459.
- SINGSURIYA, P. Nursing researchers' modifications of Ricoeur's hermeneutic phenomenology. In: *Nursing Inquiry*. On-line, v. 22, n. 4, 2015, p. 348-358.
- SQUIRE, C., ANDREWS, M.; TAMBOUKOU, M. What is narrative research? In: ANDREWS, M.; SQUIRE, C.; TAMBOUKOU, M. (Eds.). *Doing Narrative Research*. Los Angeles: Sage, 2008, p. 1-21.
- SODRÉ, O. Contribuição da fenomenologia hermenêutica para a psicologia social. In: *Psicologia USP*. On-line, v. 15, n. 3, 2004, p. 55-80.
- WILLIG, C. *Introducing Qualitative Research in Psychology*. 3. ed. Maidenhead: Open University Press, 2013.
- WILLIG, C. Interpretation in qualitative research. In: C. WILLIG & W. ROGERS (Eds.). *The SAGE Handbook of qualitative research in psychology*. London: Sage, 2017, p. 274-288.